

LEITURA E ENSINO DE LEITURA: uma análise desta relação dialógica a partir das histórias de vida e de prática do professor

Rita Alves Vieira

Alessandra Aguiar Gabriel

Maria Estely Rodrigues Teles

RESUMO: No presente artigo, pretende-se analisar a relação dialógica que media a leitura e o ensino de leitura a partir do discurso dos relatos de vida e de prática de professores do 5º ano, do Ensino Fundamental, de escolas públicas municipais e privadas da cidade de Parnaíba-PI. Ao conhecer o cenário social, cultural, econômico, tantos outros, da história de vida destes professores, verificamos como esta influencia a história de leitura e o ensino de leitura realizado pelos mesmos e como a discursividade de suas histórias de vida e de profissão reflete o dialogismo entre a prática de leitura e ensino de leitura, como também a concepção e a prática de linguagem, leitura e texto. A discussão será mediada a partir das afirmações sobre as histórias de vida e, resultadamente, de leitura e de profissão, do professor, observando se na prática realizam conforme teorizam. E assim, refletir entre leitura e ensino de leitura e sobre como esta relação dialógica pode ser pertinente para a formação de leitores críticos. Mediados por Freire (1999), Koch (2010), Martins (2007), Orlandi (2006), Silva (2003), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Novas Tecnologias. Sociedade. Educação.

ABSTRACT: In this article, we will analyze the dialogic relationship that mediates the reading and teaching reading from the speech of the life stories and practical teacher of the 5th year of elementary school, in public schools and private city Parnaíba-PI. By knowing the social scene, culture, economy, many others, the life history of these teachers, realizing how history influences the life history of reading and reading instruction conducted by the teachers and how the discourse of life histories and occupation teachers, verifying that it translates on the dialogism between reading and reading instruction, as well as the design and practice of language, reading and text. The discussion will be mediated from the statements about the life stories and resultadamente, reading and profession of the teacher, observing the practice performs hypothesis. And so, reflect between reading and teaching in reading and how this dialogic relationship may be relevant to the formation of critical readers. Mediated by Freire (1999), Koch (2010), Martins (2007), Orlandi (2006), Silva (2003), among others.

KEYWORDS: New Technologies. Company. Education.

1. Introdução

O presente trabalho pretende mergulhar no universo da trajetória de vida e de

leitura do professor visando perceber como essa dimensão exerce influência sobre sua prática de ensino da leitura, digo, sua trajetória profissional de professor, que poderá ser ou não discursiva, valorizadora ou não do sujeito social leitor e do processo de interação deste com o texto e o seu autor.

Entende-se, então, que os relatos de vida são integrados por toda a complexidade histórica dos acontecimentos ao longo da vida. Nisso podemos crer com base em alguns autores que a linguagem terá como subsídio, principalmente a interação. Essa interação diz respeito ao fato de que o professor mantém uma relação natural com a linguagem através de sua prática comunicativa demonstrando suas vivências no dia a dia em sala de aula.

Não podemos esquecer a importância do diálogo. Porém, não apenas o falado, mas aquele que envolve toda a sua complexidade linguística. Destacamos ainda, o papel dos polos, seja o emissor e o receptor, mediante a existência do diálogo e da leitura. Além disso, fazemos uma análise sobre a interdependência da leitura e do ensino da leitura, visto que um media o outro para um melhor desenvolvimento dessas práticas. Assim, o leitor e os futuros leitores, a partir desta relação, garantem uma maior autonomia sobre os textos considerando o seu potencial comunicativo.

Concluimos a partir das histórias de vida dos professores que a prática de ensino da leitura destes tem reflexos da sua trajetória de vida enquanto leitor que influencia diretamente no trabalho docente e de estímulo a leitura. O modo de enxergar o mundo da leitura e o conceito da mesma é mantido graças aos fatos vividos anteriormente.

1.2 Linguagem e suas perspectivas ideológica e enunciativa

A teoria da linguagem, historicamente, tem voltado sua atenção ao estudo das concepções de linguagem, pois o modelo de comunicação e interação eleita pelos usuários da língua são diretamente influenciados por estas concepções, além de ser também adotado como o protótipo do ensino da mesma. Baseamo-nos em Koch (2010), Possenti, (1999), entre outros teóricos, para pontuarmos três momentos básicos dos estudos das citadas concepções como: expressão do pensamento, instrumento de comunicação e forma de interação.

As ideias da primeira concepção de linguagem, voltadas para a prescrição gramatical, e as propostas das vertentes estruturalistas, pertinentes à segunda concepção citada, são reconhecíveis; mas elegemos como concepção foco deste artigo a linguagem como forma de interação, pois Bakhtin, precursor desta noção, é um dos nortes teóricos dessa nossa

discussão, haja vista, em suas ideias, que “o signo dialético, dinâmico, vivo, opõe-se ao ‘sinal’ inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato” e que “a palavra é o signo ideológico por excelência” (BAKHTIN, 1995, p. 15-16). A proposta de não estagnação do aluno faz parte da meta daquele educador que deseja alcançar o seu objetivo primordial, ou seja, “abrir mentes”. Sendo feita naturalmente durante a sua prática pedagógica.

Ele impulsionou os estudos da linguagem para um rumo que destaca a enunciação e, se a estuda em seus domínios, valoriza o espaço discursivo e enunciativo existente entre o eu e o outro, o escritor e o leitor, o falante e o ouvinte, pois cada um destes representa um universo de valores no processo interacional. Não existe signo, palavra, texto, ideologia, diálogo e relação dialógica, discurso e discursividade sem a presença do eu e do outro na interação. Investigar a relação dialógica ou dialogismo entre leitura e ensino de leitura é prover uma pesquisa sobre a dinamicidade dos elementos que estão situados discursivamente por traz desta relação.

Assim, teoricamente, nossa discussão postula que ensinar a ler é propiciar ao aluno uma enunciação sobre leitura, um dialogismo que retoma o que se tem construído nas relações sociais ao longo da história de vida. Podemos inferir das ideias de Bakhtin (1995, p. 16), que a enunciação que o professor profere e interage com o seu público discente é “uma réplica do diálogo social”. A prática de sala de aula pode ser entendida como, apenas, um reflexo de sua vivência, um espelho a refletir sempre suas ideologias conforme o vivido.

1.3 Relações dialógicas no processo de interação lingüística e discursiva

Relações dialógicas, conceptualmente, estão no conjunto do processo interacional e discursivo da leitura e do ensino de leitura. Conforme vimos expondo, é oportuno retomar o debate de que a concepção de linguagem como forma de interação, cujos interactantes estão intrinsecamente ligados por razões sociais, culturais, históricas, ideológicas, entre outras variáveis, tem um caráter dialógico. Diálogo, por sua vez,

No sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 1995, p. 123).

O dialogismo é a relação de anterioridade e posterioridade que os enunciados mantêm uns com os outros, ou seja, o discurso surge de um outro já pré-existente, ao mesmo tempo que suscita outros enunciados futuros. Bakhtin (2003, p. 297) diz: “Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva.” À medida que o professor profere algo ele atua diretamente como parte integrante da formação da identidade, que o aluno também constrói constantemente, através da fala e postura que carrega consigo.

Fica claro que as relações dialógicas constituem relações de sentido. Para que haja estas relações é preciso que um texto entre na dimensão do discurso, que seja concebido na perspectiva da enunciação e da discursividade, que os sujeitos produtores e leitores sejam considerados como sujeitos situados histórica e socialmente (BRONCKART, 1999). Relações dialógicas não existem quando entre textos ou no interior de um texto, seja qual for a sua materialidade semiótica, seja visto apenas o viés lingüístico, o qual é imanente, estrutural, retoma a abordagem saussureana (SAUSSURE, 1973), desconsiderando o processo de formação discursiva (MAINGUENEAU, 2008) e ideológica dos enunciados. Esta é a idéia que há entre o leitor e o texto a retomada do significado real que a palavra ou frase quer passar.

Pautado em Bakhtin, Faraco (2009, p. 66) afirma que a opção por considerar os aspectos dialógico e discursivo e não apenas o lingüístico, possibilita-nos “fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la.

1.4 Interação autor, texto e leitor: como se relacionam e como dialogam no ato da leitura

Leitura e ensino de leitura são atos políticos, atos de profundo conhecimento e criatividade. É oportuno lembrarmos Paulo Freire quando rememora sua história de vida e, dentro desta, sua história de leitura, as representações deste ato em sua mente, como também a importância da citada leitura para torná-lo um homem humano, político e sensível à forma como o ato de ler deveria ser oportunizado aos alunos, aos leitores (FREIRE, 1999). O homem que se formou refletiu na atuação como educador libertador.

A história de vida do professor se coaduna com a história de educação e de leitura, por exemplo, de seu país (SILVA, 2003). Apesar dos séculos de civilização, a problemática

da leitura continua merecendo contundente preocupação. Muita coisa precisa ser revista, entre tal a noção de leitura. Desde os primórdios, ela sempre foi concebida como decodificação. É importante esta noção, porém, sem o nível da compreensão, tão debatida hodiernamente, ela não passa de uma mera decifração de signos, o que desconsidera o contexto, o diálogo, as relações dialógicas, pois quando se decifra apenas, sem compreender e sem adentrar nas profundezas dos sentidos do texto, não há uma contemplação do espaço *interdiscursivo* (MAINGUENEAU, 1997) entre os interactantes: *autor, leitor, texto* [grifo nosso].

A concepção de texto, por seu turno, dependerá da concepção de linguagem e de leitura que o sujeito tenha. Até a busca pela mensagem, muitas vezes dada entrelinhas, faz do ser, um indivíduo reflexivo. Se a concepção de linguagem é voltada para representação do pensamento, a leitura é apenas a captação das ideias do texto, de modo que toda produtividade textual e discursiva pertence ao autor, considerado o detentor do saber. A leitura acaba sendo uma atividade mecânica, desprovida de *dialogismo* (Bakhtin, 1995, 2003), *intertextualidade*, *interdiscursividade*, *metadiscursividade* (Maingueneau (2008) [grifo nosso].

Já a linguagem na perspectiva da interação, relaciona o autor ao texto e ao leitor. O dito está no dito e no não dito, nas entrelinhas, nos esquemas cognitivos que possam estar no espaço interdiscursivo da interação autor, texto e leitor. Pontua-se nesta relação a importância das intenções do autor, dos sentidos que o texto sugere e até dos que ele não sugere, como também as ativas interpretações e compreensões do leitor, sendo estas motivadas pelas experiências e conhecimentos do dito leitor.

Esta concepção é a que, de fato, merece uma atenção especial, dada a sua pertinência para um ensino de leitura que seja realmente dialógico e capaz de desenvolver as potencialidades linguísticas, dialógicas e discursivas dos alunos (KOCH, 2010).

A leitura enquanto interação, conforme sublinha Koch (2010), engloba os conhecimentos linguístico, enciclopédico e interacional, ativa conhecimentos e valores, reclama por intensa participação do leitor na construção dos sentidos.

1.5 Ensino de leitura e discursividade dos relatos de vida do professor

Para discursivamente refletirmos sobre a forma como o professor pratica o ensino de leitura temos que prover um desvelamento do oculto do discurso dele, como foi constituída a sua história de vida, a de leitura e a de profissão, pois entendemos que tal ou tais histórias fazem parte do processo de formação docente e representam a ideologia e a prática discursiva

que o professor tem de leitura e ensino de leitura. Por mais que o professor não queira dentro do seu discurso estará inserido as concepções existentes e influenciadas pelo meio.

A história de vida do professor ainda influencia: a forma como ele considera o texto e suas condições sociais, como ele recepciona o público discente com seu universo discursivo de leituras, com sua situação socioeconômica e o modo de vida que demonstra ter.

O que se espera do discurso do professor é que leve os alunos a compreender os significados de leitura, a que ela se destina e qual a sua essência para a vida e a formação dos alunos como leitores críticos. O professor é um sujeito legitimamente constituído para prover e encaminhar esta encenação discursiva.

Estes participantes do cenário de leitura na escola¹ ocupam, portanto, papéis sociais e discursivos. E toda a cena pedagógica da aula deve fazer valer as relações dialógicas do ato de leitura e do ensino de leitura na perspectiva da discursividade dos relatos de vida do professor e de sua formação docente, como também as reais necessidades de leitura do aluno, pois este é um sujeito que, se devidamente concebido e motivado pelo trabalho do professor e pelo contexto da aula, pode ser ou pode se tornar participativo, atuante e discursivamente crítico.

2. Considerações Finais

Tendo em vista o professor como responsável pela formação de leitura dos alunos, percebe-se a grande importância de se fazer uma avaliação sobre a sua prática de ensino, uma autoavaliação. É só através da revisão de suas atitudes e valores, principalmente dentro da sala de aula, que o professor poderá repassar o que pensa sobre o ato de ler e as concepções que devem ser evidenciadas dentro das reflexões textuais; como forma de garantir para o aluno a não alienação e a postura participativa diante da sociedade. Refletir essas práticas pode auxiliar em novas perspectivas e constatação de erros e acertos cometidos no dia-a-dia do docente. As aulas passarão a ter um contexto mais dinâmico, direcionado para os objetivos reais da escola, como também, os alunos poderão aprender a ser mais eficiente e manifestar suas próprias individualidades.

Todo esse processo, desde a aquisição da linguagem até a formação do leitor competente, depende em grande parte das experiências que o professor adquiriu durante a sua formação pessoal, profissional e cidadã. É impossível o professor deixar para trás ou esquecer tudo o que vivenciou, “guardando” só para si. A partir do momento em que entra na sala de

¹ Escola não apenas no sentido de instituição educacional, mas de práticas pedagógicas, sociais e lingüísticas.

aula ele carrega consigo todos os problemas, conquistas e fragilidades. Isso é facilmente constatado através de seus atos e hábitos diários.

Isso nos leva a um sonho que talvez seja utópico, mas que pode sim fazer a diferença na ambiência escolar, quando os docentes tomarem consciência de suas atitudes e o meio, seja cultural, social e/ou econômico, favoreça o pleno desenvolvimento das suas experiências. Numa perspectiva que sejam positivas na formação do aluno. O desempenho do aluno dependerá bastante do incentivo do professor e da forma como ele abordará o ensino da leitura. Na sala de aula o exemplo do docente em relação ao ato de ler é um dos pontos mais importantes no processo de ensino dessa prática, visto que o testemunho dado por este deve partir da reflexão sobre a própria relação que ele mantém com a leitura visando contribuir com a qualidade da formação de leitores críticos e conscientes das potencialidades dessa atividade. Pois, só a partir da leitura e dessa mediação docente que o indivíduo será capaz de analisar, elaborar, criar e discutir com mais firmeza e embasamento sobre o mundo.

Referências

GUIMARÃES, D. de O. et al. Vida de professor: uma breve história do nosso tempo. In: KRAMER, S.; SOUZA, S. J. (Org.). **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 2003.

KOCH, I. V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KRAMER, S.; SOUZA, S. J. (Org.). **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 2003.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. **Cenas da enunciação**. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

SOUZA, S. J.; KRAMER, S. Experiência humana, história de vida e pesquisa: um estudo da narrativa, leitura e escrita de professores. In: KRAMER, S.; SOUZA, S. J. (Org.). **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação.** São Paulo: Ática, 2003.

SOUZA, S. J. Por uma leitura estética do cotidiano ou a ética do olhar. KRAMER, S. In: SOUZA, S. J. (Org.). **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação.** São Paulo: Ática, 2003.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 2.ed.. Petrópolis: Vozes,2002.